

CASTRO ALVES
FALA
A
TERRA

CHICO XAVIER – WALDO VIEIRA – JORGE RIZZINI

UM CONDOR NO ALÉM

J. de Herculano Pires

Os condores não vivem só na Terra. Eles também têm alma e podem abrir as asas entre as estrelas. E o que nos prova Castro Alves com suas poesias mediúnicas, ora reunidas nesta antologia votiva, destinada a marcar nas letras espíritas o primeiro centenário da passagem do poeta para a outra vida. Colaboram assim os espíritas com as homenagens oficiais e públicas deste centenário.

O problema da literatura mediúnica é ainda um mistério para a maioria dos homens de letras e um desafio para os homens de ciência. "Como admitir – dizia-nos há pouco um poeta – que Castro Alves continue, cem anos após a sua morte, apegado às velhas fórmulas poéticas e ao ímpeto ultrapassado do condoreirismo?" Essa pergunta revela a mais completa abstinência de conhecimentos espirituais. Mas revela também o domínio do preconceito, impedindo a inteligência do interpelante de equacionar logicamente o problema e levá-la à solução.

Só admitimos a poesia mediúnica se pudermos admitir a dualidade relativa de que fala Rhine –, entre espírito e corpo, conseqüentemente entre vida corporal e vida espiritual. Admitida essa dualidade (proposta por Rhine na área parapsicológica) somos levados a compreender que deve haver uma

dualidade de situações, de condições e de atitudes do ser nos dois planos de existência: o espiritual e o material. E isso é tão evidente que não precisamos de indagações metafísicas para a sua compreensão. Aqui mesmo, na existência terrena, a dualidade relativa de comportamento se manifesta nas mudanças de idade, de ofícios, de situações sociais e locais (como a mudança de clima, de cidade, de país).

Se Castro Alves estivesse na Terra, por um prolongamento de sua vida ou através da reencarnação, acompanharia certamente os movimentos literários modernos. Mas Castro Alves continua, cem anos depois de sua morte, no plano espiritual. Nas condições existenciais de espírito a sua visão das coisas materiais é muito diferente da nossa. O seu objetivo ao fazer poesia não é atingir a virtuosidade poética terrena, mas atingir o coração humano, identificar-se perante os homens que respeitam o seu nome e a sua figura histórica.

Claro que o gênio poético de Castro Alves deve ter atingido, na existência espiritual (ou na quarta ou quinta dimensão, se assim o quiserem...) uma grandeza e um poder de expressão que não podemos sequer imaginar. Mas para se dirigir aos homens, a esses bichos da Terra tão pequenos, como escreveu Camões, o poeta deve descer do Olimpo, como faziam os deuses gregos, e misturar-se com os bichos. Perguntam alguns: "Mas, se é assim, não seria melhor que ele contribuísse para a evolução poética da Terra?" Sim, talvez fosse, mas a Pedagogia nos adverte de que a tarefa do aprendizado pertence a cada um. De nada valeria um professor universitário dar as suas aulas num curso primário.

Colocados esses problemas que nos parecem fundamentais, pois constituem a premissa da validade desta antologia, convém tratarmos rapidamente de outro aspecto não menos importante nesta era científica. É o referente à validade do ato mediúnico, particularmente do ato poético mediúnico. Contesta-se a psicografia (escrita espiritual) com a tese científica da escrita-automática (escrita psíquica ou anímica) levantada por Pierre Janet. Essa contestação, porém, é o que de mais superado pode haver em nossos dias, ante o desenvolvimento atual das pesquisas psíquicas e parapsicológicas. Alegar que um médium pode estar simplesmente a serviço do seu inconsciente, ou mesmo do inconsciente coletivo, ou ainda que pode estar captando telepaticamente à distância e em fontes desconhecidas o possível conteúdo poético de alguém (vivo ou morto) é fazer ficção científica e não ciência. Ou, a que é pior, simplesmente buscar uma evasiva para negar a realidade do fenômeno espírita.

O inconsciente, como já o demonstrou o Prof. Sérgio Valle em suas refutações médicas ao Prof. Silva Mello, foi uma descoberta (ou uma revelação) dos Espíritos, antes de Freud. E como o demonstraram Aksakoff e Bozzano (confirmando a tese espírita), a escrita automática corresponde às funções anímicas do médium, sem excluir a possibilidade da psicografia, a qual pode ser também automática ou inconsciente, semiconsciente ou consciente. Claro que não iremos debater aqui o assunto, que as pesquisas parapsicológicas atuais vêm aprofundando, mas convém colocá-la como anteparo a algum pronunciamento de sabichão improvisado, como dizia Richet.

OS POEMAS E OS MÉDIUNS

Os poemas aqui reunidos foram recebidos por três médiuns bastante diferenciados no tocante à situação social e cultural, à tipologia individual, à condição etária e assim por diante. A época da recepção varia numa faixa cronológica de quarenta anos: de 1931 a 1971. A marca do poeta é a mesma em todos eles. É a mesma garra, como disse Musset de um seu poema mediúnico transmitido em França há cem anos. Seria necessária uma dose cavalaresca de má vontade e preconceito para alguém negar a presença do espírito de Castro Alves (espírito que revela a presença do Espírito) nos poemas aqui apresentados.

Há, sem dúvida, algumas variações no uso dos vocábulos e de metáforas nas poesias recebidas pelos três médiuns. Mas isso equivale às variações irrelevantes na tradução de um discurso por três intérpretes diferentes: são as marcas individuais a que não se furta nenhum trabalho humano. O que importa não são os pormenores, mas o conjunto de cada peça poética. A comunicação mediúnica não escapa às leis gerais da comunicação, hoje mais do que nunca bem estudadas em todo o mundo, em particular no tocante às comunicações biológicas (telepáticas) especialmente na área universitária soviética.

No referente ao problema mediúnico esta antologia fornece uma contribuição valiosa ao esclarecimento de uma questão muitas vezes levantada por observadores superficiais. É a da impossibilidade aparente de um Espírito manifestar-se de maneira identificável por

médiuns diversos. Aqui está, para os que entendem do assunto, uma das mais belas provas de que o Espírito é sempre o mesmo, através de todos os intérpretes mediúnicos de que possa utilizar-se. Se o Espírito, às vezes, se apega a um determinado médium, a razão está no campo das afinidades pessoais, da maior maleabilidade do médium preferido ou da sua condição psicológica mais favorável.

O CASO RIZZINI

Francisco Cândido Xavier, com mais de cem obras mediúnicas publicadas, em quarenta anos de exercício da psicografia, já não é mais um caso discutível. Não houve entre nós condições científicas para o estudo desse médium, mas a aprovação de críticos literários, professores de literatura, poetas e escritores à sua obra evidenciaram a legitimidade da mesma. Criatura humilde, sem nenhuma formação cultural, nascido e criado em cidadezinha mineira (Pedro Leopoldo) desprovida de ambiente cultural e até mesmo escolar, Chico Xavier está hoje acima de todas as calúnias e de todas as interpretações falsas, maldosas ou simplesmente ignorantes dos seus críticos improvisados.

- Waldo Vieira, formado em Odontologia e Medicina, com boa formação cultural, mostrou-se dotado, desde cedo, de excelente mediunidade psicográfica, tendo trabalhado ao lado de Chico Xavier e adquirido a confiança – do público e dos estudiosos – que essa posição privilegiada logo lhe conferiu. Hoje praticamente afastado das lides mediúnicas, possui, entretanto, uma obra psicográfica publicada que responde pela legitimidade

dos seus dons.

O caso Rizzini é mais recente, recentíssimo, e poderá suscitar discussões. Jorge Rizzini é paulista e fez a sua carreira em São Paulo como jornalista, escritor, radialista e homem de televisão. Médium desde criança, só há alguns meses revelou sua mediunidade psicográfica. Esta eclodiu num verdadeiro ímpeto, levando-o a receber, num período de três meses, poemas de dezenove poetas brasileiros e portugueses, os maiores

da língua, que constituem dois volumes em fase de organização para o prelo: Antologia do Mais Além e Sexo e Verdade (1). Pertencem a esses volumes os poemas de Castro Alves selecionados para esta antologia.

Rizzini mesmo passou por uma crise de consciência antes de admitir a divulgação dos poemas que recebera. Não podia publicá-los como de sua autoria e temia revelar os autores espirituais, em face da geral incompreensão do problema mediúnico. Mais prevaleceu a verdade, que se impôs de tal maneira a lhe dar coragem para enfrentar a situação. Será fácil para os adversários inescrupulosos do Espiritismo acusá-lo de pasticho. Mas para os estudiosos honestos, espíritas ou não, os poemas por ele recebidos valerão por si mesmos.

Os dotes literários e a cultura de um médium não são barreiras, mas valiosos recursos para a manifestação psicográfica nesse campo.

O valor das peças recebidas deve ser aferido pelo critério de um julgamento objetivo e não pela falácia das hipóteses agüentadas.

Acompanhamos passo a passo a eclosão da mediunidade psicográfica de Jorge Rizzini, que ocorreu acompanhada de fenômenos telepáticos e físicos. Conhecemos o médium há muitos anos e conhecemos também as suas possibilidades profissionais. No tocante à poesia, as tentativas pessoais de Rizzini foram sempre irrelevantes. O que ele nos oferece pela psicografia não tem termo de comparação com as suas tentativas particulares e revela conteúdos inegavelmente autênticos em referência aos poetas comunicantes. No caso de Castro Alves essa autenticidade se impõe através de toda uma constelação de motivos, como veremos.

CONDOREIRISMO SOCIAL

Já se assinalou há muito a distância entre o épico e o lírico em Castro Alves. O poeta social é condoreiro, o amoroso é canoro. Mas o que sobrevive nos poemas mediúnicos de Castro Alves é o épico, é o condor andino golpeando com suas asas de fogo as formas de escravidão moderna. Vemo-lo nesta coletânea em largos remígios, ora para saudar a libertação espiritual do homem, em vias de realização na Terra, ora para clamar a Deus em favor dos sofredores, ora para vergastar com chicotadas verbais, que estalam como raios, os exploradores da miséria humana.

Nos poemas recebidos por Chico Xavier e no único poema recebido por Waldo Vieira o poeta é uma alvorada de fé e esperança, saudando a nova era que desponta na Terra. Veja-se a beleza candente de A Morte e a beleza esplendente de Marchemos, que abrem este volume. Note-se a beleza auroral de O Livro Divino, Ante os Novos Tempos e Na Era do Espírito. Mas nos poemas recebidos por Jorge Rizzini o poeta é o anjo vingador, o defensor dos escravos. Sua voz é a primeira a se levantar contra a escravidão sensorial das criaturas humanas pelos verdugos demoníacos do Umbral, das regiões infernais.

O sexualismo desenfreado que avassala a Terra encontra nos versos de Castro Alves redivivo a mesma vergasta que fustigou os algozes do Navio Negreiro. O mural poético da prostituição é escavado no mármore da História a golpes de Miguelangelo. Poemas como O Sexo no Mundo e Sexo e infância valem por clarinadas de luz rompendo as trevas. E que dizer de Piedade, esse grito de dor através do qual o poeta volta a querer apostrofar o próprio Criador? A estrofe de abertura desse poema dá-nos a imagem cósmica de um navio negreiro da era espacial "vagando pelo espaço, embuçado pela noite". Mas nesse poema o que impera é a dor, nota dominante que goteja de cada verso num compasso único, num ritmo de soluço, desde a primeira à última estrofe. Neste poema vemos Castro Alves acabrunhado, vencido pela sua própria piedade, implorando de joelhos a piedade de Deus

para a Humanidade terrena. É em vão que o seu verbo de fogo tenta elevar-se nas labaredas da apóstrofe. A dor pesa nas asas do condor e ele se curva humilde, rogando piedade.

Haverá sempre quem aponte defeitos, vacilações, momentos de frouxidão nesta ou naquela estrofe dos poemas que nos chegam do Além. Que importam as possíveis falhas de captação mediúnica, diante da força e da beleza de cada poema no seu conjunto? A concepção de cada um desses poemas só encontra, em nossa poética de ontem e de hoje, uma fonte possível: Castro Alves. E se eles não existissem, não tivessem sido captados mediunicamente e publicados, a poesia brasileira, num sentido geral (mediúnica ou não) seria mais pobre em seu conteúdo humano.

(São Paulo, 1971)

(1) Os livros em questão foram lançados pelas editoras Lake, de São Paulo, e "Correio Fraternal do ABC".

A MORTE

No extremo pólo da vida
Diz a Morte: - Humanidade,
Sou a espada da Verdade
E a Têmis do mundo sou;
Sou a balança do destino,
O fiel desconhecido,
Lanço Cômodo no olvido
E aureolo a frente de Hugo!

O cronômetro dos séculos
Não me torna envelhecida;
Sou morte – origem da vida,
Prêmio ou gládio vingador.
Sou anjo dos desgraçados
Que seguem na Terra errantes,
Desnorteados viajantes
Dos Niágaras da dor!

Também sou braço potente
Dos déspotas e opressores,
Que trazem os sofredores
No jugo da escravidão;
Aos bons, sou compensação,
Consolo e alívio aos precitos,
E nos maus aumento os gritos
De dores e maldição.

Sepultura do presente,
Do porvir sou plenitude,
Da alegria sou saúde
E do remorso o amargor.
Sou águia libertadora
Que abre, sobre as descrenças,
O manto das trevas densas,
E sobre a crença o esplendor.

Desde as eras mais remotas
Coso láureas e mortalhas,
E sobre a dor das batalhas
Minha asa sempre pairou;
Meu verbo é a lei da Justiça,
Meu sonho é a evolução;
Meu braço – a revolução
Austerlitz e Waterloo.

Homem, ouve-me; se às vezes
Simbolizo a guilhotina,
Minha mão abre a cortina
Que torna o mistério em luz;
E por trabalhar com Deus,
Na absoluta equidade,
Sou prisão ou liberdade
Nova aurora ou nova cruz.

Se o cristal que imita o céu
Da consciência tranqüila
É o luzeiro que cintila
Na noite do teu viver,
Oásis – dou-te o repouso,
Estrela – estendo-te lume,
Flor – oferto-te perfume,
Luz da vida – dou-te o ser!

Mas, também se a tirania
Arvora-se em lei na Terra,
Eu mando a noite da guerra
Fazer o sol do porvir;
Arremesso a minha espada,
Ateio fogo aos canhões,
Faço cair as nações
Como fiz Roma cair.

Foi assim que fiz um dia,
Ao ver o trono imperfeito
Estrangulando o Direito;
Busquei Danton, Mireabau...
E junto ao vulto de Têmis
Tomei o carro de Jove,
E fiz oitenta e nove
Quando a França me ajudou.

Então, implacavelmente,
Fiz a Europa ensangüentada
Ajoelhar-se humilhada,
Diante de tanto horror.
Das cidades fiz ossuários,
Dos campos Saaras ardentes,
Trucidei réus inocentes,
Apaguei a luz do amor.

Até que um dia o Criador,
Sempre amoroso e clemente,
Que jamais teve presente,
Nem passado nem porvir,
Bradou do cume dos réus
Num grito piedoso e forte:
“Não prossigas! Basta, Morte,
Agora é reconstruir.”

Portanto, homem, se tens
Por bússola o Bem na vida,
Olha o Sol de frente erguida,
Espera-me com fervor.
Abrir-te-ei meus tesouros,
Serei tua doce amante,
Cujo seio palpitante
Guardar-te-á – paz e amor.

Se às vezes se te afigura
Que sou a foice impiedosa,
Horrenda, fria, orgulhosa,
Que espedaça os teus heróis,
Verás que sou a mão terna
Que rasga abismos profundos,
E mostra bilhões de mundos,
E mostra bilhões de sóis.

Conduzo seres aos Céus,
À luz da realidade;
Sou ave da Liberdade
Que ao lodo da escravidão
Venho arrancar os espíritos,
Elevando-os às alturas:
Dou corpos às sepulturas,
Dou almas para a amplidão!”

A Morte é transformação,
Tudo em teu seio revive:
Esparta, Tebas, Ninive,
Em queda descomunal,
Revivem na velha Europa;
E como faz às cidades;
Remodela humanidades,
No progresso universal.

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Da obra “ Parnaso de Além Túmulo

MARCHEMOS

Há mistérios peregrinos
No mistério dos destinos
Que nos mandam renascer;
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

Buscamos na Humanidade
As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos
Somos míseros cativos
Da iniquidade e da dor.

É a luta eterna e bendita,
Em que o espírito se agita
Na trama da evolução;
Oficina onde a alma presa
Forja a luz, forja a grandeza
Da sublime perfeição.

É a gota d'água caindo
No arbusto que vai subindo,
Pleno de seiva e verdor;
O fragmento do estrume,
Que se transforma em perfume
Na corola de uma flor.

A flor que, terna, expirando,
Cai ao solo fecundando
O chão duro que produz,
Deixando um aroma leve
Na aragem que passa breve,
Nas madrugadas de luz.

É a rija bigorna, o malho,
Pelos fainas do trabalho,
A enxada fazendo o pão;
O escopro dos escultores
Transformando a pedra em flores,
Em Carraras de eleição.

É a dor que através dos anos,
Dos algozes, dos tiranos,
Anjos puríssimos faz,
Transmutando os Neros rudes
Em arautos de virtudes,
Em mensageiros de paz.

Tudo evolui, tudo sonha
Na imortal ânsia risonha
De mais subir, mais galgar;
A vida é luz, esplendor,
Deus somente é o seu amor,
O universo é o seu altar.

Na Terra, às vezes se acendem
Radiosos faróis que esplendem
Dentro das trevas mortais;
Sua rútilas passagens
Deixam fulgores, imagens,
Em reflexos perenais.

É o sofrimento do Cristo,
Portentoso, jamais visto,
No sacrifício da cruz,
Sintetizando a piedade,
E cujo amor à Verdade
Nenhuma pena traduz.

É Sócrates e a cicuta,
É César trazendo a luta,
Tirânico e lutador;
É Cellini com sua arte,
Ou o sabre de Bonaparte,
O grande conquistador.

É Anchieta dominando,
A ensinar catequizando
O selvagem infeliz;
É a lição da humildade,
De extremosa caridade
Do pobrezinho de Assis.

Oh! Bendito quem ensina,
Quem luta, quem ilumina,
Quem o bem e a luz semeia
Nas fainas do evoluir;
Terá a ventura que anseia
Nas sendas do progredir.

Uma excelsa vos ressoa,
No universo inteiro ecoa:
Para a frente caminhai!
O amor é a luz que se alcança,
Tende fé, tendes esperança,
Para o Infinito marchai!

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Da obra “ Parnaso de Além Túmulo”

O LIVRO DIVINO

Gemia a Terra humilhada,
A noite do cativo
Dominava o mundo inteiro
Sob o carro da opressão;
Com mandíbulas vorazes
De loba que se subleva,
Roma, encharcada de treva,
Estendia a escravidão.

Entre as águias poderosas,
Jazia Atenas vencida,
Carpia Cartago a vida
Ligada a grilhão cruel.
Na Capadócia, na Trácia,
Na Mauritânia e no Egito,
O povo chorava aflito,
Tragando cicuta e fel

O frio invadira os templos ,
Não mais Eros de olhar brando,
Nem bela Afrodite amando,
Nem apoio encantador;
O Olimpo dormira em sombra,
Cessara a graça de Elêusis,
Não surgiam outros deuses,
Que não fossem do terror.

Mas quando o mal atingira
O apogeu da indiferença,
Disse Deus na altura imensa:
“Faça-se afora mais luz!”
E um livro desceu brilhando,
Para a História envilecida:
Era o Evangelho da Vida,
Sob as lições de Jesus.

Tremeram dourados sólidos,
O orgulho caiu de rastros;
Arcanjos vinham dos astros
Em cânticos de louvor.
Mas ao invés da vingança,
Contra o ódio, contra a guerra,
O livro pedia à Terra:
Bondade, Perdão e Amor...

Começara o novo Reino...
Horizontes infinitos
Descerraram-se aos aflitos,
Perdidos nos escarcéus;
Os fracos e os desditosos,
Os tristes e os deserdados,
Contemplaram, deslumbrados
Novos mundos, novos céus.

Desde então a Humanidade
Trabalha, cresce, porfia,
Ao clarão do novo dia,
Por escalar outros sóis;
E a mensagem continua,
Em sublimes resplendores,
Artistas, Santos e Heróis.

Espíritas, companheiros
Da grande Luz Restaurada,
Tracemos a nossa estrada,
Na glória do amor cristão;
E servindo alegremente
Na luta, na dor, na prova,
Busquemos na Boa-Nova
O Livro da Redenção

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Da obra “ Poetas Redivivo”

ANTE OS NOVOS TEMPOS

Brilham áureos tempos novos,
A Inteligência domina,
Fala a Razão cristalina,
Que estuda, aclara, deduz;
A Ciência larga a Terra,
Onde refulge de rastros,
Para a conquista dos astros,
Sob o fascínio da Luz!...

No bojo do firmamento,
Do chão à face da lua,
A pesquisa continua...
Engenhos e lumaréus!...
A Eletrônica revela
Vida mais alta e mais rica
E o Homem se comunica,
Povo a povo, céus a céus!...

A Cultura pede frente,
Entre aplausos invulgares
No Ar, no Solo, no Mares,
Em tudo o apelo ao Porvir!...
De ponta a ponta do Globo,
Em vasta ascensão na História,
Clama o Cérebro – mais Glória!
Grita o Mundo – progredir!...

Mas no concerto dos louros
Em que a Idéia se embriaga,
Brado aflitivo pervaga
O choro da multidão!...
São milhões de almas cativas
À ignorância na Terra,
Que a noite da angústia encerra
Nos vales da provação!...

A mágoa segue a penúria,
O crime instala a doença,
Lastima-se turba imensa
Encarcerada na dor!...
A legião do protesto
Volve à Barbárie sombria,
Supondo na rebeldia,
O facho libertador!...

A guerra distende as garras,
Surgem conflitos de sobra,
A descrença se desdobra
Em chaga descomunal...
E a força do Raciocínio
Do píncaro a que se eleva
Não barra a invasão da treva,
Nem doma a fúria do mar...

Do Alto, porém, dimana,
Visão diversa das causas,
Os mortos rebentam lousas,
Irrompem vazes do Além!...
São Mensageiros do Eterno,
Anjos do Céu sem escolta,
Trazendo Jesus de volta
Para a vitória do Bem!...

Companheiros do Evangelho,
Que o vosso Amor vibre puro,
Edificando o Futuro
Nas Leis Excelsas do Pai!...
Eis que o Cristo nos conclama,
Sob o fulgor do Cruzeiro,
Repetindo ao mundo inteiro:
– “Espíritas, educai!...”

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Poema Psicografado em 20/maio/1970

APELO À MOCIDADE ESPÍRITA CRISTÃ

Mocidade, o Espiritismo -
Mensagem de luz ao povo -
Descortina um mundo novo,
Guardado na tua mão.
Combate as sombras do abismo,
Exalça o amor que te eleva,
Desata os grilhões de treva
Da moderna escravidão.

Ausculta o horror do orbe aflito!
Nos campos de toda a Terra,
Vagueia o dragão da guerra
Em tremenda saturnal...
Vem das angústias do Egito,
Dos tormentos da Caldeia,
Empanando o sol da Idéia,
Brandindo clava infernal.

Ergueu sobre a Assíria forte
O chamejante estandarte,
Espalhando em toda a parte
Incêndio devastador.
Trouxe à Pérsia - ruína e morte,
Da Grécia - extinguiu a vida,
Deixando Roma caída
Num lago de sangue e dor.

Mas, além do monstro hirsuto
Que nos recorda a caverna,
A ignorância governa
Prostíbulos e canhões.
A preguiça vive em luto,
Ódio torvo prevalece
Nos males de toda espécie,
Enlouquecendo milhões.

Negro vicio multiforme
Que de púrpura se veste,
Atormenta, mais que a peste,
Mendigos, ministros, reis...
Mas a verdade não dorme
E abrindo sulco profundo,
Desdobrará sobre o mundo
Novos tempos, novas leis.

Juventude, a nova era
Já resplende no horizonte,
Move os braços, ergue a fronte
No serviço varonil!...
Ama, crê, trabalha e espera,
Proclama a fé que te invade,
Cantando a Fraternidade
Ao claro céu do Brasil.

Soldados do Cristo augusto,
Tercemos armas da crença,
Detendo por recompensa
O divino dom de amar.
O Salvador, brando e justo,
Para as glórias do porvir,
Elege a senha - servir!
E manda a vida - marchar!

Sigamos, vanguarda afora,
De coração descoberto,
Contemplando de mais perto
A Fonte da Eterna Luz.
Acendamos nova aurora
Na noite que envolve o Templo,
Seguindo o sublime exemplo
Do Mestre Sábio da Cruz.

Combatem ao nosso lado,
Sem fuzis conquistadores,
Espíritos benfeitores
Buscando a paz de amanhã...
Ei-los! - voltam do passado!
São mil gênios sobre-humanos,
Choraram trezentos anos
Nos circos da fé cristã.

Trazem fúlgidas bandeiras,
Entoam hinos felizes,
Bendizando cicatrizes
- Santificados heróis!...
Atravessaram fogueiras,
Serviram a Deus, de rastros,
Volvem, hoje, de outros astros -
Sóis brilhando noutros sóis!

Mocidade, o Espiritismo -
Mensagem de luz ao povo -
Descortina um mundo novo
Guardado na tua mão.
Combate as sombras do abismo,
Exalça o amor que te eleva,
Desata os grilhões de treva
Da moderna escravidão.

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Da obra “ Poetas Redivivos”

ENCONTRO EM BRASÍLIA

O berço da Renascença
Era um viveiro de sóis
Consagrado ao pensamento
De Gênios, Santos e Heróis.
Nas retaguardas medievas,
Jaziam agora as trevas
De Átila a Tamerlão;
Entre as cinzas das Cruzadas,
Multidões desesperadas
Pediam renovação.

Aos gritos da Humanidade,
Cansada de grandes réus,
Sanando a angústia dos povos,
Explodiam tempos novos,
Vinham respostas dos Céus...

Na Europa aflita e insegura,
Dante ilumina a cultura,
Gutenberg amplia a escola,
Ante a Fé, Savonarola
E novo facho a brilhar;
Copérnico estuda e espreita,
Da Vinci, é a Forma perfeita,
Colombo é o poder no mar...

No entanto, embora o Progresso
Anunciando o Porvir,
Não se via no horizonte
Réstea de paz a surgir;
Discórdia ferindo o mundo,
Era tormento infecundo,
Intérmino vendaval,
Pelas fornalhas da guerra,
O ódio agitava a Terra
Em luta descomunal.

Foi então que a Voz do Alto
Conclamou no Imenso Azul:
– "Desdobre-se no Planeta
Novo lábaro no Sul!...
Povo heróico se levante
Sobre o maciço gigante,
Marcado a estrelas no Além;
Obreiros de mãos armadas
Levantarão nas estradas
O Reino do Eterno Bem."

Surgia o Brasil nascente
Nos braços de Portugal
Que lhe deu, ao pé dos Andes,
Visões de altura imortal!...
Chega ilustre caravana,
Lisboa é a voz soberana,
Tomé de Sousa conduz;
No entanto, entre os companheiros,
O armamento dos obreiros
Era a mensagem da Cruz.

O ensinamento de Cristo
Faz-se verdade e clarão
Nas forjas em que se erguia
O País em ascensão.
Nóbrega, Anchieta, Gregório
Espalham no território
O Evangelho do Senhor
E o Brasil grava, na História,
A fé cristã por vitória,
Traduzida em paz e amor.

Nos domínios do universo,
Ninguém evolui a sós,
A Humanidade na Terra
É a soma de todos nós.
Mas, de olhar alçado aos cimos,
Por súplica repetimos,
Em Brasília, aos céus de luz:
– "Brasil de perenes brilhos,
Pela união de teus filhos,
Deus te conserve em Jesus."

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Da obra " Poetas Redivivos"

BRASIL

Brasil, o Mundo a escutar-te,
Pergunta hoje: "O que é?"
Ah! Terra de minha vida,
Responde às Nações de pé!
Das montanhas altaneiras,
Dentro das próprias fronteiras,
Alonga os braços - Sansão!
Sem prepotência ou vangloria,
Grava no livro da História,
Novo rumo à evolução!

Contempla a sombra da guerra,
Dragão do lodo a rugir,
Envenenando a Cultura,
Ameaçando o Porvir!...
Fala - assembléia de bravos -
Aos milhões de homens escravos
Sábios loucos prometheus...
Do píncaro a que te elevas
Dissolve os grilhões das trevas
Na fé que te induz a Deus!

Brada - gigante das gentes -
Proclama com destemor
Que o Cristo aguarda na Terra
Um novo mundo de Amor!
Ante a grandeza que estampas,
Os mortos voltam das campas,
Sublimando-te a visão!
Ao progresso Fernão Dias!...
O Dever mostra Caxias,
Deodoro a renovação!...

Dos sonhos do Tiradentes,
Que se alteiam sempre mais,
Fizeste Apóstolos, Gênios,
Estadistas, Generais...
De todos os teus recantos
Despontam palmas de santos,
Augusto pendões de heróis!...
Astros de brilhos tamanhos
Andrada, Feijó, Paranhos,
Em teus céus brilham por soes!...

Desde o dia em que nasceste,
Ao fórceps de Cabral
O tempo se iluminou,
Na Bahia maternal!...
Hoje, que o mundo te espera
Para as leis da Nova Era,
Por Brasília envolta em luz,
Que em ti a vida se integre,
De Manaus a Porto Alegre,
No Espírito de Jesus!...

Ao resguardar o Direito,
Mantendo a Justiça e o Bem,
Luta e rasga o próprio peito,
Mas não desprezes ninguém!...
Levanta o grande futuro,
Ergue tranqüilo e seguro,
A paz nobre e varonil!...
À humanidade que chora,
Clamando: "Senhor... e agora?!"
O Cristo aponta: Brasil!...

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Poema psicografado em 15/abril/1976 em Brasília.

A FORJA DA REDENÇÃO

Século XXI No mundo,
Auroras da Nova Era...
Brada o Tempo: "Espera! Espera!"
Troa a vida: "Mais e mais!
"Corre o progresso fecundo
Com rastilhos resplendentes
E incendeia os continentes
Do prodígios colossais !

O Homem quebra fronteiras,
Vasculha o fundo dos mares,
Tira, subjuga os ares,
Monta o foguete veloz!
De almenaras altaneiras,
A astronáutica descerra
Estâncias além da Terra,
No sem- fim ecoando a voz!

No ciclotron de Lawrence,
A matéria- antiga esfinge-,
As creses em que se estriuge,
Nova energia produz.
Surge a Atomística e vence,
Rasga clarões de promessa,
Ceres provida regressa,
Isótopos vêm a luz!

Onda falante domina
Distâncias, de pólo a pólo;
Turbinas roncam no solo
Sorvendo as águas do chão.
Da Patagônia á Indochina,
Todo o Globo se condensa
Nos tentáculos da imprensa,
Ao sol da televisão!

Atlantes por fornos de aço,
Vesúvios de boca ardente,
Vomitam constantemente
Meduas em humaréus!
Buscando a glória do espaço,
A Engenharia segura,
Brasão da nova escultura,
Empina os arranha-céus!

Mas nesse reino opulento
Do cérebro sobre a Terra,
Viu Jesus, em torno, a guerra-
Qual jovem exterminador-,
As garras do sofrimento,
Flagícios gravando a vida,
A riqueza envilecida
Gerando indignância e dor...

Nódoas se espalham sombrias
Pelos vaivens das calçadas,
São crianças desprezadas
As fauces da heduibidez...
Nos templos em pedrarias,
Por chagas de angústia ás portas,
Há Niobes semimortas
Entre a miséria e a viuvez...

Ante o infortúnio entrevisto
Recruta legiões de obreiros...
Espíritos mensageiros
Portam lábaros do Além
E trazem, todos por cristo,
Na cátedra do futuro,
A paz do Evangelho puro
Pela vitória do Bem!

Criam-se rumos supremos!
O Espiritismo revela,
Sob a lógica mais bela,
A fé no grau da razão!
Espíritas, porfiemos
Elevando a Humanidade;
A faina da caridade
É a forja da redenção!...

Médium : Waldo Vieira
Poema não incluído em livro e psicografado
em 11 de dezembro de 1964, em Uberaba na Comunhão Espírita Cristã.

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Na tela imensa da História,
A Era Cristã se eleva
Por luz num trono de treva
Sobre trágico estopim.
O mundo traz na memória
O terror da força bruta.
Vinte séculos de luta
Entre Jesus e Caim.

Depois de trezentos anos
De sacrifícios pungentes,
Os cristãos puros e crentes
Altearam-se em valor;
Aderindo aos novos planos
Da argúcia de Constantino,
Mudou-se-lhes o destino
Ao pulso do Imperador.

Desde o encontro de Nicéia,
A Cristandade partida,
Na vivência dividida,
Por vezes, perde a razão;
Nas divergências de idéia,
Olvida ensinamentos e luzes
E explode em crises e abusos
Rugindo condenação.

Nos chamados Tempos Novos
Da cultura de alto nível,
A guerra – loba terrível, –
Parece oculta no ar.
Na trilha dos grandes povos,
Clame o Progresso – “Ao Porvir!...
Pede o ódio: – "Destruir",
E o Tempo roga: – "Marchar!...

O mundo atônito avança,
A Ciência vai à Lua,
O cérebro continua
Colecionando lauréis;
Nas almas, a insegurança
Gera conflitos violentos,
Nos Países – armamentos,
Nos Lares – provas cruéis.

Na bárbara desavença,
A Criança vem à vida
Muitas vezes esquecida
Em lúgubres escarcéus.
Hoje, – infância que não pensa
Atirada à indisciplina,
Amanhã, – queda e ruína
No abismo dos grandes réus.

Multidões gritam nas praças
Protestos, lutas e esquemas,
Apresentando os problemas
A que o Homem se conduz.
Indagam nações e raças:
– "Antes que a Paz surja tarde,
Que gênio nos tome e guarde?"
" Responde o Brasil: – "Jesus"!

Médium : Frâncico Cândido Xavier
Poema psicografado em outubro de 1979 no Cento Espírita União

NA ERA DO ESPÍRITO

O caos invadira a França,
– Olimpo do pensamento.
O ódio – lobo famulento,
Range as presas com furor.
Nas ruas – Paris descansa;
Em casa – chora em segredo;
Gigante, arrosta, com medo,
As iras do Imperador.

A Nação encarcerada
Lança em nota clandestina
As safras da guilhotina
E explode: – “Revolução!”
Recorda a Bastilha irada,
Lê Rosseau, à luz da vela,
Esmurra as grades da cela,
Protesta rugindo em vão.

A crença herdada do Cristo
Caíra no sorvedouro
– Turbilhão de pompa e ouro –,
Dobrada ao tacão dos reis.
Em tormento jamais visto,
Nos frios templos, o povo
Exorava aos Céus, de novo,
Novos rumos, novas leis.

A Ciência – clava forte – ,
Contra as cadeias medievais,
Partia os grilhões das trevas
Em sarcástico festim,
A exprobrar de sul a norte,
Por tirana revoltada:
– “Dominemos! Deus é nada!”
A morte – o portal do fim !”

Ninguém na fé militante...
Mavorte, em fúria, galopa
Nos campos de toda a Europa!
Na África – a abjeção!
Na Austrália – o progresso infante!
Na Ásia – o suor dos parias
Rola em bagas milenárias!
Na América – a escravidão!

Mas o Espaço se descerra!
Jesus, no esplendor dos sóis,
Recruta gênios e heróis
A iluminar o porvir.
De pólo a pólo, na Terra,
Flamejam etéreas lampas,
Mensagens brotam das campas,
Ao toque de ressurgir!

Aos clarões da Imensidade,
Kardec chega e inaugura
A Doutrina viva e pura
Da razão à luz do bem.
O Espírito de Verdade
Semeia Divina Messe,
O Evangelho reaparece
Nas Vozes do Grande Além!

Falam tumbas, dançam mesas,
Nascem livros, surgem almas,
Luzem preces, chovem palmas,
Hosanas aqui e ali!
Consciências dantes presas
Rompem torva cidadela;
Pastor guiando a procela,
Jesus conclama: – “Servi!”

Ante a ribalta terrestre,
O Direito renovado
Deixa, ao tropel do passado,
Distinções de raça e cor!
Em triunfo, volve o Mestre,
E acende na mente humana,
Desde o palácio à choupana,
O facho do Eterno Amor!...

O mundo voga num misto
De infortúnio e de esperança,
Pranteia a sorrir e avança
Nas Bênçãos do Excelso Pai!
Kardec reflete o Cristo;
Desfralda, em bandeira à frente,
O convite permanente:
– “Espíritas, trabalhai!...”

Médium : Waldo Vieira
Da obra “ Antologia dos Imortais”

O ELO PERDIDO

Era a promessa do Cristo
Que iria cumprir-se à Terra,
Apesar do horror da guerra,
Primeiro em solo francês;
Enquanto os Céus se moviam,
Montesquieu, Robespierre,
Jacques Rousseau, D'Alembert,
Incitavam morte aos reis!

Em seguida Bonaparte,
Na Espanha, Portugal, Prússia,
Alemanha, Itália, Rússia,
A explodir os seus canhões!
Fizera-se ditador:
Ao invés de "Fraternidade,
Liberdade e Igualdade",
Impunha ódio e aflições!

E o pensamento parara!
Impotente em face à Morte,
Não via a Ciência um norte,
Além da matéria impura...
Religião era um sonho!
E a pobre Filosofia,
Nas trevas se debatia,
Sem escapar da clausura!

E a Humanidade gemia...
Mas sobre o mundo trevoso,
Descera gênio bondoso
Enviado por Jesus!
Morrera Napoleão...
E Kardec, à meia idade,
Com o Espírito Verdade,
Das trevas arranca a Luz!

E os Mensageiros do Cristo
A Kardec vinculados
Gritavam de todos lados:
"Somos o elo perdido! "
Vasto horizonte se abria,
Com Kardec, homem profundo,
Ao mostrar um Novo Mundo,
Apenas antes sentido!

Velhas leis e velhos dogmas
Enterraram-se no abismo...
Ganha o mundo o Espiritismo!
A mais sublime Verdade!
Descoberto o "Elo Perdido",
A Fé uniu-se à Razão!
Ciência à Religião!
E o Homem à Divindade!

Era a própria voz do Cristo
De novo acordando a Terra!
"Não mais opressão e guerra,
-Discórdias e nem rancor!
Minha Doutrina é bem clara:
Perdoa ao teu inimigo!
Recolhe o triste mendigo!
Espalha bondade e amor!"

Avante, Espírita, avante!
E como Kardec, grita,
Que esta Doutrina Bendita,
É Luz, é Renovação!
E, onde quer que estiveres,
Proclama a grande verdade,
Que **fora da caridade**
Não pode haver salvação!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra "Antologia do Mais Além"

A DOCTRINA E O UMBRAL

Dizei-me, senhores cultos,
Se a Verdade – luz divina!
Não vence a espada do Tempo
Que lampeja peregrina!
Se o Evangelho de Jesus,
Com o tempo perdeu a luz,
Não arranca mais da cruz
Uma pobre Messalina!...

Dizei-me, senhores cultos,
Se é a Verdade eterna...
Se rouba o Tempo o valor
À doce prece materna...
Não! – Jamais morre a Verdade!
Não pode com ela a Idade,
Nem mesmo a forte vaidade,
Que veste a mente moderna!

A Verdade é o próprio Deus...
Vem do Alto – além dos ares!
Além do Tempo e do Espaço
Que vos prendem, milenares...
E Deus; que habita o Infinito,
Se quiser enterra o Egito!
Quebra os astros de granito!
Se quiser enxuga os mares!

A Verdade é o próprio Deus!
E Cristo – seu Emissário,
Por isso a luz do Evangelho
Sobreviveu ao Calvário!
No entanto, seres adultos,
Criando fortes tumultos,
Proclamam que são incultos
Os que crêem no Missionário!

Que os tempos hoje são outros...
E o Evangelho – um folheto,
Peça arcaica de museu,
Como qualquer esqueleto...
E que de Kardec a obra,
A verdade não desdobra!
Que é preciso outra manobra!
O gigante é obsoleto!

E esses senhores adultos
Pedem outras realidades!
Já lhes deram fantasias
Que eles juram – são verdades!
Falou-lhes o negro Umbral
Com sorriso cordial:
“Somos Platão e Pascal...
Anotai as novidades...”

Não rompe o Tempo a Verdade
Como rompe o frágil vime!
Mas procura o negro Umbral
Cometer o hediondo crime!
E vós, homens adultos,
Procedentes de outros cultos,
Aceitais esses insultos
Contra Jesus – o Sublime!

Cuidado quando falais
Do Evangelho de Jesus,
Revoada de astros no Céu,
Na Terra – golpes de luz!
Não toqueis nas suas Leis,
Cuidado, plebeus ou reis,
Pois vós julgados sereis,
– Vós e as almas de capuz!

Mas se a hipnose do Umbral
Fez dormir os corações,
Acordai-os, tempestades!
Descei do céu, furacões!
Soprai em todos lugares!
Ó raios! Cortai os ares!
Que os ventos sacudam mares!
Erguei a lava, vu leões!

Espíritas, companheiros,
De luminoso Ideal!
Protegei Cristo e Kardec
Contra os ataques do Mal!
Suas obras – são modelos.
Livrai-as dos escalpelos!
Ó Céus, ouvi meus apelos!
– Fechai as portas do Umbral!...

Médium : Jorge Rizzini
Da obra “Antologia do Mais Além”

LUZ E TREVA

I

Foi Jesus Cristo quem disse
Sob a inspiração de Deus:
“Vai, Allan Kardec, à Terra
E fala aos rebanhos meus,
Tira o povo da heresia!
A minha Doutrina amplia!
Cumpre a antiga profecia
Que fiz perante aos judeus!

Como na dura Judéia
Não temas tua missão:
O Espírito Verdade,
-Eis teu Anjo Guardião!
Aumenta as glórias no Céu!
Conquista mais um troféu!
Destrói na Terra esse véu,
Que esconde o Sol da Razão!

E o Apóstolo dileto
Despediu-se de Jesus,
E como um condor fantástico
-Mais veloz que a própria luz-
Ao lado de outros heróis,
Como ele mesmo – faróis!
Passou por milhões de sóis,
- E em Lyon viu sua cruz!

Encarcerando na carne,
-Gigante dentro de um ovo!
Ei-lo que vai ressurgir
Na bela Gália de novo!
E mais tarde, com cautela,
O Além pesquisa, interpela,
E finalmente revela
A Doutrina para o povo!

É epopéico seu trabalho
Com o Espírito da Verdade;
Galileu desvendou mundos,
Mas Kardec – a Eternidade!...
Com a chave da Ciência
Provou a Sobrevivência!
Descobriu a existência
De outras Leis da Divindade!

E o sábio deixa este globo
E volve saudosos à Luz!
Depois dos Grandes Mentores
Quem vem saudá-lo? – Jesus!...
E viram todos então,
Na Terra o imenso clarão:
-Era a Codificação
Que a Deus o Homem conduz!

II

Mas a Treva, furiosa,
Disse consigo em surdina:
“Apaguemos essa luz,
Que há de ser nossa ruína!
Infiltramos o anarquismo
Nas obras do Espiritismo,
E há de rolar pelo abismo
Quem pratica essa Doutrina!

Fizemos do Cristianismo
Uma crença que aterra!
Que resta de Jesus Cristo
Na Itália, França, Inglaterra?
Chega ao mundo nova aurora?
O Alto no mete a espora?
Marchemos! Chegou a hora!
Estamos de novo em guerra!

E a Treva ataca na França...
Brada um líder fariseu:
“Roustaing! Arrasa Kardec
Com as bombas que o Umbral vos deu!...
Médiuns! Pegai a caneta!
Vede o Cristo... A silhueta!
Quer ditar para o planeta
Sua vida quando hebreu!”
Da Espanha que viu nascer

A nobre Amália Soler
-Amália, luz fulgurante!
Sol com forma de mulher!-
A Treva cruza a fronteira
E sopra ao clero:”Fogueira!
Da Obra do Além altaneira,
Não reste a cinza, sequer!”

E pela América, Europa,
A Treva deixa sinais...
Quantos médiuns arrastados
À sala dos tribunais!
Viram bem perto o chicote,
Leymarie, Slade, Ana Rothe,
Orando, - à luz de uma archote,
Na prisão – como animais!...

E a Pátria do Evangelho?
Não foge a tropa do Mal?
Ramatis – clarim das sombras!
Tombou já do pedestal?
E a Treva horrenda e devassa
Proclama em grande arruaça:
“Com discursos e trapaça
Venceremos, afinal!”

E a mente da Treva insana
Não dão trégua contra a Luz!
Recruta e pões nas tribunas
Muita almas de capuz...
Mas descendo do Infinito
À Terra lanço meu grito:
-Está no Céu já escrito:
O TRINFO É DE JESUS.

Espírita, companheiro,
Não te alheie a batalha.
A verdade – é tua arma!
A prece – tua muralha.
Conserva pura a doutrina
Que reflete a Luz Divina!
E já – confiante – em surdina,
Com Jesus Cristo – trabalha!...

Médium : Jorge Rizzini
Da obra “ Antologia do Mais Além”

PROSTITUIÇÃO

- I -

O jovem de riso triste,
Entregue à prostituição,
Teu drama tem mil raízes,
Que antecedem a Platão...
Já na História Religiosa,
Tu surges, voluptuosa,
Frente aos deuses de granito...
Desde o culto de Astarté,
Tu bailavas nua, até,
Na Fenícia e lá no Egito!

- II -

Na Índia – o culto de Falo,
De Siva – o deus de dois sexos,
Nos grandes ritos eróticos
Deixavas deuses perplexos...
Na imensa Mesopotâmia
Rolavas na mesma infâmia,
– Em templos de Babilônia!
Estas no culto a Milita...
E nos ritos de Afrodita,
Deusa lúbrica da insônia!

- III -

Também nos templos de Baco,
E outros deuses imorais,
– Mercúrio, Vênus ou Lesbos,
Dançavas nas saturnais!
Eras então a deidade
Da eterna fecundidade...
A prostituta sagrada!
Alugavas os teus dotes
Por ordem dos sacerdotes,
– Nos templos, não na calçada!

- IV -

Depois, os cínicos bonzos,
De um modo um tanto poltrão,
Mandaram fosses às ruas
Fazer a prostituição...
E casas de tolerância
São erguidas com abundância
No vasto Império de Roma!
Mulher, prazeres, bebida!
Eis a bandeira da Vida!
– A ruína de Sodoma...
–

– V –

E moças de pele branca
São vendidas no mercado;
Todas menores de idade,
Como rebanhos de gado!
Muitas são filhas de escravos,
As outras, de pais ignavos;
Enchem-se mil lupanares!
Surge Calígula, então,
E explora a prostituição
Com taxas bem singulares!

– VI –

Ó jovem de riso triste,
Teu romance é bem complexo;
Vem de longe a grande rede,
Que explora os vícios do sexo!
Passa o tempo, ano após ano,
E cai o Império Romano!
Estamos na Idade Média...
Sangrando em terríveis noites,
Terás torturas e açoites
Em satânica tragédia!...

– VII –

E em caso de reincidência,
Terás a mutilação,
Do nariz e das orelhas!
– Eis a Lei de Repressão!
Fizeram de ti um rato
Fugindo às garras do gato
No esterqueiro medieval...
Prisão – em meio ao excremento!
Açoite – ao invés de argumento!
Abuso – ao invés de Moral!

– VIII –

Mas o comércio não pára?
Problema sem solução?
A fome enfrenta o pudor?
Aumenta a prostituição?
E o Governo, teu parceiro,
Enche os cofres de dinheiro,
Com o Ministro da Fazenda...
Não combate teu comércio,
Mas pagarás o sestércio!
– Quer teu imposto de renda!

– IX –

Alicerces estão podres
Da Sociedade atual...
Tornou-se ridículo o Homem
Quando fala contra o Mal...
Olhai a culta Paris!
Exploram a meretriz
Mais de trezentos hotéis!
E há casas clandestinas
Que recebem só meninas!
Multiplicam-se os bordéis...

– X –

Ó jovem de riso triste,
Já enferma e sem ilusão,
Lamento ver-te a vagar
No lodo da perdição...
Nascestes em um ambiente
Pobre, cruel, negligente,
Onde faltava ternura...
E veio o primeiro engano!
Então, traçaste o teu plano!
Dinheiro! Amor! Aventura!

– XI –

Mas era inda criança!
E vivias na penúria...
Quem te trouxe às ruas, praças,
Não foi jamais a luxúria!
Não tinhas educação!
Não te deram profissão!
E o mundo a te cobiçar...
E o hoje o mundo critica,
O Brasil, a Martinica,
Quando vais pro lupanar!

– XII –

Mas muitos que te criticam,
Procuram teu leito imundo,
E dizem-te belas frases,
Como qualquer vagabundo...
Talvez o próprio Juiz
Procure uma meretriz
Nas horas mortas da noite...
E depois proclama as penas
Para as murchas açucenas:
Dá-lhes três dúzias de açoitel!

– XIII –

Pobre jovem de olhar triste,
Presa no mundo dos vícios,
Quantas de tuas amigas
Hoje dormem nos hospícios!
Exploraram-nas vadios,
Homens com falta de brios,
Traficantes, jogadores!
Vida tranqüila? – Quimeras!
Que nesse meio de feras,
Há olhos aterradores!...

– XIV –

Ó moças agrilhoadas
No duro viver malquisto,
Lembraí-vos de Madalena
Libertada pelo Cristo!
Há Espíritos burlescos
Envolvendo-vos, grotescos,
E o jogo não percebeis!
Que desça do Céu a Luz!
Socorrei-vos de Jesus!
– E honrai a Tábua das Leis!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra “Antologia do Mais Além”

O SEXO NO MUNDO

Certa noite proclamou
Um dos líderes do Umbral:
“Propaguemos pelo mundo,
Nosso fogo sexual!
Que ele queime mais que a guerra!
Deixe em cinzas a Inglaterra!
O sexo nos dará a Terra!
Avante, ó forças do Mal!”

E um exército espantoso
De Espíritos sensuais,
Invadiu todo o planeta,
Desde o campo às capitais!
E com grandes lutas cruas,
Dominou as praças, ruas!
E hoje andam quase nuas...
Até mães angelicais!

E o sexo, assim instigado,
Fez-se do planeta o rei!
Todo ser é um vassalo,
Que se rende à sua lei!
E o Homem preso à loucura,
No Brasil ou em Singapura,
Hoje ri da compostura,
Mesmo um padre ou mesmo um frei!

E os Espíritos trevosos
Estenderam sua ação:
“Prendamos, agora, os cérebros,
Afeitos à erudição!
O sexo é filosofia,
Quer à noite ou à luz do dia!
Não importa que alguém ria,
— Marcusse, escreva a lição!”

Contaminou-se a Cultura...
Basta olhar a livraria!
Eis na vitrine romances,
Dois não são pornografia...
Em cada livro — heroína,
Parenta de Messalina,
Obras vindas da China,
Da Itália, França ou da Hungria!

Acompanha-me, leitor,
Ao teatro ou ao cinema...
Olha estes grandes cartazes,
Cenas do erótico tema...
E ninguém fica perplexo!
Até a Arte grita: "Sexo!"
Fora dele não há nexos...
Eis do mundo o novo esquema!

Atravessemos a praça.
Eis a rua principal!
Olha as milhares de virgens,
Já envolvidas pelo Umbral!
Em casa, mostram prudência,
Trazem no rosto a inocência,
Mas que grande experiência
Na prática sexual!

Não terão dezoito anos...
Amam todos, e a ninguém;
Podem dar aulas de sexo,
No Oriente, em um harém!
As outras já têm amantes...
Trabalham, são estudantes,
Mas não conhecem Cervantes,
Confundem Bach com Chopin...

A Terra pertence às Trevas!
Está em festas o Umbral!
Ruíram todas barreiras
Na fogueira sexual!
Jovem, velho e até criança,
Na pobreza ou na abastança,
Têm com as Trevas aliança,
E nas costas um punhal!

Espíritas, companheiros,
Cuidado com a obsessão...
Vejo na treva mil olhos,
Mestres na fascinação...
Meditai sempre em Jesus!
Rogai ao Senhor mais luz!
Cuidado com a vossa cruz!
Fazei com os Céus união!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra "Antologia do Mais Além"

SEXO E INFÂNCIA

Que este meu brado de alerta,
Em profunda dor imerso,
Avance por toda a Terra,
Embora preso num verso!
Inda mais! Que este meu grito,
Chegue aos mundos de granito!
Bata às portas do Infinito!
Comova todo o Universo!

Ó Humanidades ditosas,
Vivendo em astros fecundos,
Pela Terra sofredora,
Orai ao Senhor dos Mundos!
Mais feroz que a peste ou guerra,
Nas cidades, campos, serra,
Hoje o Umbral domina a Terra,
Os Espíritos imundos!

Orai com grande fervor,
Pelo Astro, vosso irmão!
A Treva aqui já obteve,
Dos valores a inversão!
Desvario é Liberdade!
Amor – imoralidade!
A Arte – sensualidade!
Inocência é aberração!

E a juventude frenética,
Não sabe pra onde ir!
E no desvario imenso
Não medita no porvir!...
E a Treva libertina,
Indica-lhe a mesalina!
A maconha e a cocaína!
E depois se põe a rir...

Oremos, astros brilhantes,
Galáxias, constelações,
Que até a Infância já sente,
No peito pulsar paixões!
Em sua alma virginal,
Já está o vírus do Mal,
Com o ensino sexual,
Que lhe impõem muitas nações!

Ao invés de se dar à Infância
Os valores da Moral,
Os mestres lhe dão agora,
Aulas do Mais Baixo Umbral:
Dissecam virilidade...
Falam da sensualidade...
Da homossexualidade...
– E dão-lhe o vício, afinal'!

Não se impõe à Infância a sexo!
E o fascínio que ele tem?
E o mestre acaso estará
Liberto dele também'?
E é a criança um ser puro!
Mão a jogueis num monturo!
Deixai-a a olhar o futuro!
A santa estrada do Bem!

Meu Deus! Que nefando crime,
Horrendo contra a decência!
Destruir numa criança
O véu puro da inocência!
E o crime está nos liceus!
Em países não ateus!
Nas escolas! Santo Deus!
Entre o Livro e a Inteligência!

E a criança é o porvir!
Dela depende o planeta!
É preciso protegê-la
Contra as nódoas da sarjeta!
Dar-lhe da Ciência a luz,
Os frutos que esta produz,
Mas sem esquecer Jesus,
E o Evangelho na gaveta!

Conforme a idade do filho,
Exponha o pai o problema,
Sem jamais tirar do sexo,
Da Moral a forte algema!
Exaltai a virgindade,
A santa maternidade,
À luz da Imortalidade,
Como exige o nobre tema!

Que este meu brado de alerta,
Em profunda dor imerso,
Avance por toda a Terra,
Embora preso num verso!
Inda mais! Que este meu grito,
Saído de um peito aflito,
Bata às portas do Infinito,
Modifique o Homem perverso!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra "Antologia do Mais Além"

NA ERA ESPACIAL

O foguete está de pé!
Solta imenso fogaréu...
Não o prendem mais correntes...
Ouve-se palma, escarcéu!
E o gigante dá um passo...
Sobe, avança pelo Espaço,
Tal qual metálico braço,
Buscando a lua no céu!

E o mundo inteiro aplaudiu,
Com uma grande excitação,
O ser humano na lua,
-Águia a farejar-lhe o chão!
Mas quem celebra essa glória,
Ó homens que fazem a História?
A miséria transitória,
Nos vales da podridão!

Os milhões de analfabetos,
No continente africano,
De arco, flecha e tacape,
Cobrindo as chagas com um pano!
Os da Ásia, os do Oriente,
Onde a fome é uma serpente
Coleando, quase rente,
Ao trono do Soberano!...

Milhões de seres sofridos!
As vítimas do Direito!
Os sedentos e famintos,
Muitos deles sem ter leite!
Aplauda a pobreza à rua,
A tuberculose nua,
Olhando da praça a lua,
Trazendo um filho no peito!

Que representa essa glória,
Homérica e singular,
Se a base é o fétido lodo
Da miséria milenar?
Aplaudes o povo de rastros!
E vós a fitar os astros,
Como um cego em altos mastros,
De um navio prestes a afundar!...

E logo recebereis,
De outros mundos siderais,
Notáveis naves redondas,
Cortando céus abismais!
E nesses dias marcados,
Ficareis envergonhados!
Onde estão os bons punhados
De divinas Leis Morais?!

Mas, de Deus a visão cósmica,
Que vai além do infinito,
Previu vossa indiferença!
E ouviu da miséria o grito!
E cheio de Caridade,
Vai implantar na Humanidade,
As leis Santas da Verdade,
Contra o Ódio! O Dogma! O Mito!

Avante, Espírita, avante,
Que vós sois o sal da Terra!
Espalhemos da Doutrina,
Os tesouros que ela encerra!
Na América, na Índia, Espanha,
Portugal, França, Alemanha,
Promovei uma campanha,
Inclusive na Inglaterra!

Mudemos a Sociedade!
Abaixo o Materialismo!
Que penetre em cada lar
O farol do Espiritismo!
Abaixo a paixão, a guerra!
O vil orgulho que emperra!
Iluminemos a Terra!
Coragem! Ação! Realismo!

Oh! Não fiquemos olhando
O facho de luz na mão,
Como na montanha o índio
Contempla o sol na amplidão...
A Terra está no abismo!
É a Treva! O cataclismo!
Só a salva o Espiritismo,
Doutrina à luz da Razão!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra "Antologia do Mais Além"

PIEIDADE

Vai vagando pelo espaço,
Embuçado pela noite,
Sombrio planeta escuro,
Qual levado pelo açoite...
Na órbita deste astro,
Vai ficando denso rastro
De terrível vibração:
São gemidos, ódios, gritos,
De pobres seres aflitos,
Que não conhecem perdão!

Senhor Deus dos desgraçados,
Olhai este pobre mundo,
Que grita pelo universo,
Em sofrimento profundo!
Nele vivem moços, velhos,
Que não lêem os Evangelhos,
Nem se recordam de Vós!
E, numa contínua guerra,
Fizeram da pobre Terra,
Sombrio mundo feroz!

Piedade, piedade,
Senhor Deus dos desgraçados!
Estes seres infelizes,
Não são filhos deserdados!
Derramai a Vossa Luz
Por sobre a cármica cruz,
Que carregam estes réus!
E apiedai-vos, Senhor,
Ouvindo os gritos de dor,
Que se espalham pelos Céus!

Piedade com o leproso,
Que geme num hospital,
As chagas lembrando rosas,
Brotadas num lodaçal!
Contemplai, Senhor, o cego,
Que só vendo o próprio ego,
Vive a noite dos temores!
Se não Vos conhece, grita,
Tem a vida por maldita!
Ouvi, Senhor, seus clamores!

Piedade, piedade,
Senhor Deus dos desgraçados!
Estes seres infelizes,
Não são filhos deserdados!
Olhai, Senhor, os hospícios,
Onde as almas com seus vícios
Sofrem torturas atrozes!
Sentem na matéria aos berras,
As pontas de cruéis ferros,
De Espíritos, seus algozes!

Derramai o Vosso olhar
Na infância tuberculosa:
Não canta, não ri, não brinca,
Pálido botão de rosa!
Vede, Senhor, a voragem
Do cruel fogo selvagem :
Como queima a carne viva!
Ouvi os fundos gemidos,
São filhos quase falidos,
Nesta prova decisiva!

Piedade, piedade,
Senhor Deus dos desgraçados!
Estes seres infelizes,
Não são filhos deserdados!
Ninguém foge à Vossa Lei,
Nem o pobre nem o rei:
Faça-se, pois, disciplina!
Mas, além desta verdade,
Está a Vossa piedade...
Ensina a Santa Doutrina!

A Dor é forte alavanca,
Que suspende o ser impuro,
E joga-o, já depurado,
Para as telas do futuro!
Mas, Senhor, estes lamentos
Mais tristes que a voz dos ventos,
São de alguém que sofre só.
E o que grita no calvário,
É um filho ainda precário,
Que não lembra o estóico Job!

Piedade, piedade,
Senhor Deus dos desgraçados!
Estes seres infelizes,
Não são filhos deserdados!
Rompa-se o peito num grito,
Mas que a voz chegue ao Infinito,
E que a ouça o Criador!
E que baixe a piedade,
Por sobre toda a orfandade,
Deste planeta de dor!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra "Antologia do Mais Além"

A CRIAÇÃO DIVINA

– I –

E disse Deus no Infinito:
– “Que se faça o firmamento!”
E o Pai condensou aos poucos
O Seu próprio pensamento.
E a Santa Sabedoria
Deu inicio a sinfonia!
Fez o Espaço e a Energia,
A Matéria e o Movimento!

– II –

E disse Deus, satisfeito:
– “Que nos espaços profundos
Surjam infinitos mundos!”
E os contínuos turbilhões,
A explodir no Espaço infindo,
Geraram astros fulgentes
De cores surpreendentes,
Galáxias! Constelações!

– III –

Estava feito o Universo
– Condensação da Vontade!
Infinito, eterno e puro,
Como o é a Divindade!
E nele estava presente
O Princípio Inteligente,
– E a Vida, em fase latente,
Esperava atividade!

– IV –

E esse Princípio ativo,
Com o fluido universal,
Gera o simples vegetal!
– E a Vida acorda nos mundos!
E diz Deus onipresente
Ao Princípio na matéria:
– “Evoluir! És bactéria
No charco e mares profundos!”

– V –

E o ser unicelular
Desenvolve seu psiquismo;
Multiplica suas células,
Fragmenta-se – transformismo!
E nos ambientes vários,
Já não são protozoários,
São ativos operários
Com diferente organismo!

– VI –

E o Princípio Inteligente
Com a Lei da Reencarnação,
Vai sofrendo mutação
Nos vários corpos que agita!
Cresce nas águas, no solo,
Evolui nos campos, erra,
É animal feroz na guerra,
Sofre, geme, chora e grita!

- VII -

E chega o grande momento...
Vai espantar-se a Criação!
Deus proclama em muitos mundos:
– "Agora a humanização!"
E a Santa Lei Paterna,
Que ao Universo governa,
Gera o Homem da Caverna,
– Ilumina-se a Razão!

– VIII –

Humanidades se espalham
Nos mundos já de granito,
Marcha o Homem pro Infinito,
Como quer o Criador!
Desenvolve o raciocínio,
Adquire conhecimento,
Vence a treva, o raio, a vento,
A neve, o mar, o calor!

– IX –

Mas, a criação não pára...
Vão nascer os novos mundos!
Rubros sóis geram planetas,
Pequenos, grandes, rotundos!
E a Terra – que é um estilhaço!
Surge e dança pelo Espaço,
Já trazendo no regaço,
Da Vida os germes fecundos!

– X –

E com a Lei da Evolução
Ganha o Globo o Ser Humano!
Desde logo é soberano
Na planície, rios, serra...
Vai passando o fio do Tempo...
E o Homem, já milenar,
Inda é bruto – e a guerrear,
Lava em sangue toda a Terra!

– XI –

Povo escravo não tem pausa
No trabalho à luz do archote;
E monumentos, impérios,
São erguidos com o chicote!
Cresce a Cultura imortal,
Mas pouco avança a Moral,
– E da Lei o pedestal
É a forca, a cruz, o garrote!

– XII –

Mas diz Deus Onisciente
A um dos seus Assessores:
– "Ouço da Terra os clamores!
Geme meu povo na cruz!
Desce, Cristo, ao escuro mundo,
E prega a Fraternidade!
A Verdade e a Caridade!
E inunda a Terra de luz!"

– XIII –

E a Luz espancou as trevas
Para que o Homem não peque;
Depois, reencarna Kardec!
– E o Globo vê nova luz!
E o gigante com a Ciência
Descobre e analisa o Espírito,
Interpreta o perispírito,
– E complementa Jesus!

– XIV –

Todas Leis então ocultas
São dadas à Humanidade!
Dissolvem-se antigos dogmas
À luz da Mediunidade!
E o Homem, que vivia aflito,
Na matéria circunscrito,
Hoje fala com o Infinito,
Tem na mão toda a Verdade!

– XV –

O Universo é pensamento
Condensado – é vibração!
Mas o Espírito já puro
Foge à humana concepção!
Vê o átomo e a energia!
De Deus a Sabedoria!
O Amor que Ele irradia!
– E tem do Pai a visão!

– XVI –

Por isso, ó homens da Terra,
Piedade com os ateus!
Como teve Jesus Cristo
Com os antigos fariseus!
Sede bons, tende Humildade!
Praticai a Caridade!
E aqui, na Imortalidade,
Vereis a face de Deus!

Médium : Jorge Rizzini
Da obra “Antologia do Mais Além”